



Imigração na literatura: escritores portugueses e a vida no Brasil

Immigration in literature: Portuguese writers and life in Brazil

Mario Luis Grangeia¹

orcid.org/0000-0002-9541-0517
mario.grangeia@gmail.com

Recebido em: 31/1/2020.

Aprovado em: 1/4/2020.

Publicado em: 30/10/2020.

Resumo: A imigração portuguesa no Brasil foi retratada por autores dos dois países, mas essas representações têm sido pouco estudadas. Neste artigo, aproximações e distanciamentos no imaginário dessa migração são discutidas a partir de livros de três portugueses que viveram em solo brasileiro nos séculos XIX e XX. Cinco imagens da migração – como escravatura, sorte, maturação, desilusão e alma dividida – são vistas e analisadas na prosa de ficção e não ficção de Gomes de Amorim, Ferreira de Castro e Miguel Torga. Tal imaginário é contrastado com o de autores que não emigraram, como Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, e com concepções de Eduardo Lourenço e Vitorino Nemésio, que viveram certo período no Brasil e escreveram sobre a presença portuguesa no país.

Palavras-chave: Imigração. Portugueses no Brasil. Literatura Portuguesa. Diáspora. Imaginário.

Abstract: Portuguese immigration in Brazil was portrayed by authors from both countries, but these representations have been little studied. In this article, approximations and distances in the imaginary of this migration are discussed based on books by three Portuguese who lived on Brazilian soil in the 19th and 20th centuries. Five images of migration – as slavery, luck, maturation, disappointment and divided soul – are seen and analyzed in the fiction and non-fiction prose of Gomes de Amorim, Ferreira de Castro and Miguel Torga. Such imagery is contrasted with that of authors who did not immigrate, such as Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão and Eça de Queirós, and with the conceptions of Eduardo Lourenço and Vitorino Nemésio, who lived a certain period in Brazil and wrote about the Portuguese presence in the country.

Keywords: Immigration. Portuguese immigrants in Brazil. Portuguese literature. Diaspora. Imaginary.

Introdução

Imagens das migrações entre Brasil e Portugal têm sido difundidas por escritores dos dois países, mas raros estudos literários ou migratórios lhes deram atenção. Neste texto, capto aproximações e distanciamentos em imagens literárias sobre a imigração no Brasil a partir da análise de conteúdo de livros de três escritores lusos que viveram no país: Gomes de Amorim (século XIX), Ferreira de Castro e Miguel Torga (séc. XX). Uma meta é oferecer um painel do imaginário da literatura portuguesa sobre tal processo que reforçou laços entre duas nações lusófonas com história e cultura articuladas há séculos.

Estudos desse fluxo migratório privilegiaram os aspectos políticos e econômicos, preterindo a dimensão simbólica da realidade social. Há trabalhos sobre como a literatura abordou o tema, mas são poucos, como



¹ Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Matozzi (2016) e Martins (2017). Em Portugal, estudou-se mais a emigração clandestina, remessas de dinheiro, engajadores, retornados e tentativas de destinar emigrantes à África (SILVA, 2011). No Brasil, frisou-se a socialização, o associativismo e o empreendedorismo dos imigrantes.

Para mapear livros de ficção e não ficção sobre as vidas de portugueses no Brasil e retornados a Portugal, explorei a obra de autores portugueses (emigrantes ou não) e suas vidas, além de trabalhos sobre as representações da migração (optou-se por este termo por aglutinar a imigração e a emigração). Nesta pesquisa, feita no acervo da Fundação Biblioteca Nacional, triei 21 livros a princípio e depois excluí oito títulos pelo olhar secundário à migração ou por serem de gênero que inibiria a comparabilidade, como correspondências, entrevistas e poesia. Em seguida, revisei 11 obras de portugueses que emigraram para o Brasil, de forma provisória ou permanente, em vez de escreverem sem vivências concretas.

Neste artigo, parti de uma amostra de sete obras para comparar como escritores imigrantes abordaram a saída do país natal e a integração no Brasil. Para analisar imagens referidas à migração, selecionei obras de Gomes de Amorim (*Ódio de raça, Aleijões sociais e As duas fiandeiras*), Ferreira de Castro (*Emigrantes e A selva*) e Miguel Torga (*A criação do mundo e Traço de união*).² Cinco imagens se destacaram:

- a) *Escravidura*: fruto da necessidade dos migrantes e interesse dos engajadores, é injusta e gera lusofobia em um Brasil com "comércio de carne humana" (AMORIM, 1870);
- b) *Sorte*: migração por vida melhor, leva ao excesso de trabalho e, para alguns, prosperidade, o que torna migração uma "loteria" com pessoas tratadas como bastardas;
- c) *Maturação*: migrantes tidos como sujeitos ao amadurecimento na nova terra;
- d) *Miragem*: migração como frustração da expectativa por não acumular fortuna; e

e) *Alma dividida*: migrantes se dividiam entre Portugal e Brasil, passado e presente.

Essas imagens podem ocorrer de forma concomitante em livros e autores, vide os textos analisados de Ferreira de Castro, que abordaram a migração ora como maturação, ora como miragem, e obras de Miguel Torga, que atribuiu os significados de maturação e alma dividida. Torga, que viveu em Minas Gerais na juventude, foi um dos autores que sentiram falta de uma produção literária maior sobre a imigração portuguesa no Brasil.

É possível que o silêncio literário que se verifica sobre esta singular situação advinha precisamente da incapacidade de captação psicológica num tão confuso e desmedido plasma emocional. É que não se encontra pé facilmente num tal redemoinho de sentimentos. Português no Brasil, brasileiro em Portugal, o emigrante fica sem pátria, tendo duas. Num lado fala uma língua e tem hábitos que o denunciam como alheio; no outro não pode esconder um sotaque e uns gostos que o denunciam como desenraizado (TORGA, 2016, p. 94).

Por sua vez, o filósofo Eduardo Lourenço, que lecionou na Universidade Federal da Bahia, assinalou a falta de representações dos emigrantes portugueses como as fixadas por Elia Kazan em *America America* (1963) e *The Arrangement* (1969), filmes baseados em livros do diretor sobre seus antepassados gregos nos Estados Unidos.

Se a emigração é uma ferida, e mesmo se, num certo sentido, faz parte do nosso destino desde o século XVI, a chaga que ela representa não encontrou uma voz à sua medida. Talvez porque o que designamos como povo emigrante era o que, em sentido próprio e figurado, não tinha voz. Temos uma espécie de voz sublimada da nossa ausência nobre, a da exceção, como a antiga de Ovídio entre os bárbaros, a voz nunca apagada de Camões. Mas nada de "canto emigrante". Ferreira de Castro, no seu romance *Os emigrantes* e um pouco em *A selva*, apreendeu o aspecto doloroso desta tragédia subalterna e tardia. A tragédia invocável da verdadeira emigração, essa amputação de todo o nosso ser de uma identidade mais profunda do que a do lar e a do lugar, estremecimento tanto da alma como do espírito e não somente da vida sempre aleatória, encontrar-se-á unicamente

² Na primeira versão do texto, analisei ainda obras de João Sarmiento Pimentel (*Memórias do capitão*), Ruth Escobar (*Maria Ruth*) e Leonor Xavier (*Atmosferas e Casas contadas*), mas segui um bom parecer da revista em prol de uma análise mais focada e aprofundada. Dai atentar aqui aos autores mais prolíficos. Para um exame de olhares daquelas autoras, ver Grangeia (2019). Sou grato ao par de pareceristas e a Daniel Moutinho por suas ideias.

nos grandes poetas do “desenraizamento”, José Rodrigues Miguéis, Jorge de Sena ou Casais Monteiro. Mas não é por essa razão que eles figuram na mitologia cultural portuguesa corrente. A nossa “emigração” espera ainda os Elia Kazan para a ilustrarem em imagem, como acontecia antigamente à história santa, que era ilustrada nas paredes das capitais (LOURENÇO, 2001, p. 48-49).

Torga e Lourenço tinham inquietação comum sobre quão rarefeito é o imaginário literário da imigração de portugueses no Brasil, em que pese sua relevância para ambos os países e povos. Tal diagnóstico veio a ser outra motivação para explorar imagens desse processo marcado por fases tão distintas, como a saída em massa (1888-1930), o recuo (1930-50), a retomada relativa (1950-70) e seu posterior declínio (LOBO, 2001).

A próxima seção discorre sobre como a literatura portuguesa do século XIX tratou dessa imigração, sobretudo na voz de autores que não conheceram essa realidade de perto, mas por fontes secundárias, como Camilo Castelo Branco. Tal exame precede o imaginário exposto por um escritor daquele século: Gomes de Amorim, autor de peças de tom panfletário contra a emigração. Nas seções 3 e 4, analisam-se três imagens da imigração no Brasil do século XX em Ferreira de Castro e Miguel Torga, acentuando suas aproximações e distanciamentos. Na seção 5, recupero ideias de Eduardo Lourenço e Vitorino Nemésio para discutir o imaginário dessa diáspora lusa. A conclusão resume o argumento e expõe possibilidades para outros estudos sobre esse tema pouco abordado.

1 Imigração no Brasil na literatura portuguesa: imagens do século XIX³

Quando se buscam representações da imigração portuguesa no Brasil em obras de ficção e não ficção do século XIX, um diferencial frente ao século seguinte é a ausência de uma perspectiva de imigrante na grande parte dos textos, escritos

por autores sem vivência de morador ou mesmo de visitante no Brasil. Essa falta de laços tangíveis com a vida dos imigrantes no Brasil teve relação direta com as imagens expressadas sobre eles, mais retratados enquanto retornados (“torna-viagem”). Foi como caricatura que Camilo Castelo Branco retratou “brasileiros”, como aludiam a portugueses que viviam no Brasil.⁴

Tome-se o perfil do personagem-título do romance “Os brilhantes do brasileiro”, de 1869. Na trama camiliana, a filha de um general casada a contragosto com o brasileiro Hermenegildo Fialho Barrosas vendia as joias que ele deu de noivado para pagar o curso de medicina a seu amor verdadeiro. Após os brilhantes sumirem, o marido se crê traído, desfaz o casamento e volta ao Brasil. A segunda emigração foi vivida como uma fuga: “E, quinze dias depois, o brasileiro, chorado e lamentado dos amigos, embarcava em um dos seus navios, aprofando às praias de Santa Cruz, onde, dizia ele, ia esconder a sua vergonha” (CASTELO BRANCO, 2006, p. 78). Nesse caso, a migração é gerada por um drama pessoal e forma “novos ricos” e casais atrás de uma prosperidade que não parece disponível em solo português. Migrantes eram alvos de piedade e riso, mas, nos textos, se exprimia a gratidão pelas remessas de recursos para suas famílias e terras de origem.

A emigração para o Brasil foi um dos temas de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós nas crônicas mensais *As farpas*, pioneiras na crítica social e cultural em Portugal e depois reunidas em *As farpas* (1887-91, 11 v.), com textos de Ortigão,⁵ e *Uma campanha alegre* (1890-91, 2 v.), de Queirós. Ambos trataram dessa migração como uma espécie de “mal necessário” com raiz na miséria em certas regiões e busca de oportunidades; e causador da evasão de trabalhadores fortes. Para Ortigão (1887, v. 10, p. 101), “o Brasil é-nos duas vezes nocivo: nocivo pelos braços que nos leva, e nocivo pelo dinheiro que nos manda”.

³ V. Grangeia (2018) para leitura mais abrangente desse imaginário na literatura portuguesa do século XIX.

⁴ Os “brasileiros” camilianos foram quase todos homens de 45 a 50 anos, endinheirados, feios, gordos, ridículos pela pouca instrução, que voltavam ricos a Portugal em busca de mulheres novas para casar e construir a casa (MATOZZI, 2016). Esse perfil se assemelhava ao de Manuel Pinheiro Alves, rico retornado que se casara com Ana Plácido antes de ela e Camilo se apaixonarem, viverem um caso clandestino que os levou à prisão e à ruína financeira, casarem de vez e usufruírem de casas e outros bens legados por Alves.

⁵ Ortigão teria escrito um livro sobre o Brasil, mas não foi impresso, o que se atribui até à mudança de regime político no país em 1889 (ALVES, 2009).

Nas crônicas de Eça de Queirós, a migração foi significada como mal necessário e como abandono. A seu ver, "a emigração entre nós é decerto um mal" (QUEIRÓS, 1890, p. 357) dado o perfil dos emigrantes (os mais enérgicos e decididos), o que levou à perda de "raras vontades firmes" e "poucos braços viris". Enquanto ingleses iam à Austrália e à Índia movidos pelo espírito de atividade e de expansão e voltavam para servir seu país após o acúmulo de vontade, experiência e dinheiro, os portugueses teriam emigrado para sair da miséria e retornavam sem gana de investir.

As consequências ressaltadas na migração eram distintas: Ortigão, ao vê-la como exploração, remetia à servidão por dívida e às massas ociosas no Brasil e em Portugal; Queirós, para quem ela era abandono, aludia ao retorno de emigrantes não investidores. Os dois autores não tinham, porém, a experiência que o ex-migrante Gomes de Queiroz possuía ao tratar do tema em prosa e verso.

2 Migração como escravatura e sorte em Gomes de Amorim

O ativismo antiemigração de Francisco Gomes de Amorim (1827-1891) remontou a lembranças da infância na aldeia de pescadores A-Ver-O-Mar (Póvoa de Varzim), no Minho. O assédio de "engajadores" o marcou aos nove anos. "Os aliciadores inundavam, como agora, as províncias do norte do reino, agarrando gente por todos os meios possíveis, e não sei mesmo se por alguns impossíveis, porque eram eles homens para grandes dificuldades", notou no prefácio do livro de poesias *Cantos matutinos* (AMORIM, 1874, p. 30). Com as leis contra o tráfico negreiro, muitos comerciantes de escravos africanos tinham passado a negociar escravos brancos, mais baratos do que os negros.

Sua emigração e a do irmão mais velho foram atribuídas à economia pelo biógrafo José Rodrigo da Costa Carvalho (1998), para quem a política só influenciou ao precipitar causas econômicas. Para esse autor, Gomes de Amorim foi fiel ao Brasil, mas não foi correspondido: português que mais escreveu sobre o país, foi ignorado dentro dele.

Ele chegou aos 10 anos a Belém, onde foi caixeiro de outro português. Disposto a aprender a ler

(o descaso na escola o privou da lição), se iniciou aos 12 anos, autodidata, pela biografia de Carlos Magno em cordel e, depois, *Os Lusíadas*. O temperamento do empregado e a força dos patrões se chocavam, fazendo-o fugir para o sertão amazônico. "A brutalidade de alguns patrões, e o meu indócil carácter, que repelia a servidão, fizeram-me tomar invencível repugnância à vida de caixeiro" (AMORIM, 1874, p. 41). Na Amazônia, disse ter vagueado um ano entre matos e cachoeiras do Xingu até se fixar em Alenquer, vila no noroeste paraense.

Foi seringueiro, remador e carpinteiro e, em um lar indígena, achou quatro ou cinco livros usados, incluindo "Camões", poema de Almeida Garrett que o acordou para a poesia – o autor se tornaria amigo e foco de uma biografia feita pelo minhoto. Viveu entre os 13 e os 15 anos naquele povoado, perto de indígenas – Abarés para os frades ou Tapuias, designação dos tupinambás aos que não falavam tupi. Voltou para Portugal em 1836, sentindo ter sido escravo de patricios, e sentiria saudades do Brasil. "Eu amo o teu país, virgem formosa/ Eu amo a tua pátria hospitaleira/ E sinto a minha musa inda chorosa/ Com saudades da terra brasileira" (AMORIM apud CARVALHO, 1998, p. 96).

O tempo no estrangeiro rendeu não só temas, mas uma vivência que Machado de Assis notou ao resenhar *Cantos matutinos* no *Diário do Rio de Janeiro*: "O próprio autor diz algures que tem duas pátrias; e nessa frase resume a história de sua vida. De nossa parte convimos nisto: é que se ele tem duas pátrias para cantar, tem duas pátrias para felicitá-lo" (ASSIS, 1866 apud AMORIM, 1874, p. 15). O teor autobiográfico de sua obra fica evidente em *Ódio de raça*, drama de 1854 publicado em 1869, em que o caixeiro Manuel, seu alter ego, diz "oh! minha pátria, meu querido Portugal, cuidei que te deixava para vir a um país de irmãos, e recebem-me como inimigo! [...] Agora é que eu sei quanto amargam as lágrimas do desterro!" (AMORIM, 1869, p. 25-26). Sua voz ecoa a alma do outrora migrante que penou e sofreu como um caixeiro de patrões portugueses.

Ambientada em um engenho, a peça foi incentivada por Garrett, que se tornara seu amigo e lhe

mostrou o projeto de lei para cessar a escravidão em terras portuguesas e o aconselhou a realçar os horrores da escravidão para ter apoio do público ao projeto. A epígrafe de Ferdinand Denis em *Brésil* dava tom: "Aqui, como em muitos outros lugares, uma questão de raça se tornou uma questão de ódio" (DENIS apud AMORIM, 1869, p. 5).

Os padrões dos imigrantes eram denunciados pelo protagonista, o preto cabinda José: "primeiro, vendiam só os pretos das suas colônias; agora também acharam meio de vender os brancos, e o Brasil está cheio de portugueses vendidos e comprados por seus irmãos" (AMORIM, 1869, p. 87). O autor corroborou a crítica em suas notas de tom panfletário: "os piores padrões são os portugueses naturalizados brasileiros. Mas que se há de esperar de homens que, por interesse, renegaram a pátria?" (AMORIM, 1869, p.177). A questão atesta como ele via dois motivos na migração: a necessidade e – mal valorado – o interesse. A trama de ódio racial envolvia brancos e mulatos, brasileiros e portugueses e sugere, segundo Pinheiro (2015, p. 426), "que a degradação moral associada e derivada de uma infame estrutura escravocrata fará de todas as personagens suas vítimas". A obra era a negação da mitologia integracionista de Gilberto Freyre.

Aleijões sociais (1870), encenada como *Escravidatura branca*, foi inspirada em um escândalo do fim dos anos 1850: portugueses invadiram um consulado no Brasil em protesto por mais de 40 mortes em um navio que chegou com quase 400 pessoas, dobro do limite. Inspetores de saúde foram recebidos por passageiros de joelhos, queixosos de que as mortes foram por fome, sede e maus tratos do comandante. Ao ouvir as queixas, o cônsul, que já pedira para autoridades locais expulsarem manifestantes, cedeu e fez o capitão ser preso e enviado a Portugal. O réu seria absolvido das mais de 300 acusações, as mortes a bordo foram atribuídas a doenças e os manifestantes, deportados. No primeiro ato, em aldeia minhoto, o padre Manuel alertava:

Se vos fiais neles [aliciadores], sereis vendidos como escravos para onde cuidais ir buscar fortuna; morrereis em misero desterro, vítimas de trabalhos brutais e de doenças incuráveis;

a maior parte de entre vós não tornará a ver o teto amigo da vossa infância! De cada cem, voltará um, quando muito; os outros noventa e nove chorarão muitas vezes, antes do seu fim miserando, pela fatia de pão de milho e a tigela de caldo, que comiam alegremente no lar paterno (AMORIM, 1870, p. 43).

Antes avesso à ideia de emigrar, para não romper a linhagem familiar na lavoura, Domingos Palmeiro virou comerciante no Rio de Janeiro e afirmava que no Brasil, em vez de enriquecer sem trabalhar, "a verdade é que se morre trabalhando, como em qualquer outra parte!" (AMORIM, 1870, p. 106), e que ele vivia pior que escravos, com donos para sustentá-los: "que sou eu senão um escravo, e dos mais infelizes e miseráveis" (AMORIM, 1870, p. 107). Ele se queixava da pátria, que tinha vendido seus filhos e não fiscalizava as transações, que Domingos equiparava a um "vergonhoso comércio de carne humana" (AMORIM, 1870, p. 124).

No quinto e último ato, novos colonos eram tomados pelo padre, no Rio, como novas vítimas e por um aliciador – vilão preso na cena final – como lotes de caixeiros, trabalhadores e gente "para aplicações diversas". O texto fazia jus à imigração, mas o mercado retratado era fiel a Belém, familiar a ele, e não à cena carioca, como criticou Ribeiro (1998). Para tal autora, a enteada do engajador Dionísio, Eugênia, tinha olhar distinto à escravatura branca – contra a qual discursava como injustiça – e à negra – sobre a qual se omitia, "ou melhor, mostra que, apesar de todas as suas leituras, é racista, pois, em dado momento, reclama de Domingos (escravo branco por quem sente admiração) ser tratado como um preto" (RIBEIRO, 1998, p. 148).

Gomes de Amorim difundiria outra imagem da migração. No romance *As duas fiandeiras* (1881), o retornado Domingos Rosmaninho não indicava a emigração após enriquecer como herdeiro de um patrão amigo sem parentes: "o Brasil é bom, para quem tem lá parentes ricos, ou amigos muito dedicados e bem estabelecidos. É bom... mas lá trabalha-se dez vezes mais do que em Portugal; e quem não estiver resolvido a isso, escusa de ir, porque fará menos do que aqui" (AMORIM, 1881, p. 237). Era como um jogo que o narrador via a emigração:

É perfeito jogo de loteria. Por cada cem que se arriscam, volta um, raras vezes rico; mas, em geral, vem sempre doente para o resto da vida. Se há diferença entre esta roleta e a da Misericórdia de Lisboa, é que, na emigração, o número branco é o mais feliz, o que volta; quase todos os que ficam, têm a sorte negra e atroz (AMORIM, 1881, p. 186).

Em vez de escravatura, migrar era questão de sorte, uma aposta. Se portugueses no Brasil fossem tratados como Domingos, Portugal esvaziaria, projetou o narrador: "desde o dia em que a maioria dos brasileiros, por amor dos seus interesses, deixar de tratar os portugueses como irmãos bastardos, não volta cá mais nenhum, e Portugal ficará deserto no espaço de poucos anos" (AMORIM, 1881, p. 187). Sua hipótese não se concretizou.

Temos na obra e na vida de Gomes de Amorim um olhar crítico ao deslocamento para o Brasil do século XIX que justificava seu ativismo antiemigração: se essa saída era escravatura ou sorte, melhor não sair. Daí a ideia de escrever peças contra o fenômeno e distribuir cópias de graça para crianças e adultos não seguirem exemplos de emigrantes.

3 Migração como maturação e miragem em Ferreira de Castro

Autor de romances sociais, José Maria Ferreira de Castro (1898-1974) integrou a massa de portugueses que emigrou no início do século XX. Órfão de pai desde os oito anos, deixou sua aldeia em Oliveira de Azeméis (Aveiro) aos 12 anos rumo a Belém, para sustentar a mãe e os quatro irmãos e parecer mais maduro ao olhar de uma jovem cinco anos mais velha que não lhe correspondia. Em sua região natal, muitos jovens tinham partido para o Brasil e voltavam com relativa riqueza, estimulando outros pelo exemplo.

A emigração fez a matriarca chorar desesperada pelo primogênito – "nunca mais te vejo, meu filho! Nunca mais!" (CASTRO, 2017b, p. 242) – e conhecidos julgarem vantajoso sair tão jovem – "indo nesta idade que se consegue arranjar alguma coisa" (CASTRO, 2017b, p. 242). Ele viveu a decisão como um corte de laços, quase como luto: "essa violência sentimental, esse brutal desarraigamento, que dir-se-ia efetuado na própria

carne, amortecera-me a vontade de parecer homem e eu chorava em frente dos vizinhos que me desejavam boa sorte, espalhados pela escada e no quinteiro, como se esperassem a saída dum enterro" (CASTRO, 2017b, p. 242). Como não achou vaga no comércio de Belém, foi trabalhar no armazém de um seringal e fez da memória de quatro anos no país a matéria-prima de *Emigrantes* (1928) e *A selva* (1930).

Na introdução ("Pórtico") de *Emigrantes*, ligou o livro ao afã de tratar da condição emigrante: "Os homens transitam do Norte para o Sul, de Leste para Oeste, de país para país, em busca de pão e de um futuro melhor" (CASTRO, 2017a, p. 15). Manuel da Bouça, seu anti-herói, era lavrador aspirante a ter terras, que se viu impelido a buscar fortuna no Brasil, mas viveu uma saga avessa à idealizada. Analfabeto, deixou a esposa e a filha no vale do Caima e emigrou desejando retornar e comprar terras vizinhas e virar patrão.

Em todas as aldeias próximas, em todas as freguesias das redondezas, havia o mesmo anseio de emigrar, de ir em busca de riqueza a continentes longínquos. Era um sonho denso, uma ambição profunda que cavava nas almas, desde a infância à velhice. O oiro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio duma lenda entre os espíritos rudes e simples. [...]

Palavra mágica, o Brasil exercia ali um perene sortilégio e só a sua evocação era motivo de visões esplendorosas, de opulências deslumbrantes e vidas liberadas (CASTRO, 2017a, p. 31).

A imagem do Brasil fonte de fortuna, difundida por agentes de passagens, coexistia com receios como o de febres e naufrágio. Manuel teve longa espera por curto interrogatório e a vacinação para obter visto no consulado em Lisboa. O navio partiu com ele tendo único aceno do amigo que o ajudou na capital. "Aquela mansa saída do rio, sob a indiferença da cidade, comovia a quase todos eles [emigrantes]" (CASTRO, 2017a, p. 77).

No desembarque, sua angústia era descrita como um vazio que mesclava reações: "sentia uma comoção angustiosa, como que a suspensão de todos os sentidos. Dera-se, dentro do seu peito, uma síncope inexplicável; criara-se, de súbito, um vácuo – um vácuo que era, simultaneamente, expectativa, alvoroço e medo" (CASTRO, 2017a,

p. 100). A imagem da migração como miragem emergiria no reencontro de Manuel com Cipriano, conterrâneo que contraindicou emigrar em carta que não lhe chegou a tempo de demovê-lo. O protagonista se chocou ao ouvir dele que "quase não se ganha para viver" (CASTRO, 2017a, p. 104).

– Mas lá na terra todos te dão por estabelecido...

Cipriano corou ligeiramente:

– Isso fui eu que mandei dizer... Todos nós mandamos dizer que estamos aqui muito bem, que é para a nossa família não se afligir e para não fazermos má figura junto dos conhecidos...

– Então, a casa onde estás?...

– É do senhor Fernandes, aquele homem que o senhor Manuel lá viu. E eu ainda tenho a sorte de estar empregado. Mas há tantos por aí à boa vida! Passam meses e meses sem arranjar trabalho... (CASTRO, 2017a, p. 104).

Sem crer na verdade ouvida e com olhar arregalado quase em pânico, Manuel se inteirou das condições de trabalho em Santos e no campo, concluiu ser difícil juntar renda e ouviu de Cipriano que não voltava para Portugal por vergonha e que outros tinham voltado ricos por sorte no passado. O recém-emigrante preferiu então buscar o recrutamento oficial para os cafezais no interior paulista. Chorou de tristeza e se envergonhou das lágrimas. Na fazenda de café, achou um patricio cuja voz serviria ao autor para abordar o quadro da imigração portuguesa na região:

– É... Por aqui não se encontra viva alma de português. Não admira: todos eles vêm para o comércio, mas agora, que já não fazem nada, é que elas vão ser. Há por aí portugueses até dar com um pau e que fariam muito melhor se deixassem a cidade e fossem tentar a sorte com uma enxada. Que isto também é capaz de dar nada (CASTRO, 2017a, p. 119).

O descompasso entre a migração real e a idealizada foi omitido na primeira carta para a família, à qual Manuel dizia estar muito contente: "Isto aqui são outras terras. Já tenho trabalho e, se Deus quiser, Amélia, hei-de ser muito feliz" (CASTRO, 2017a, p. 124-125). O baixo salário na fazenda e os altos preços para usar rede e utensílios domésticos dificultavam ter economias. "Afim, onde estava todo esse dinheiro que ele não o via, nem para si, nem para os italianos,

nem para os brasileiros que trabalhavam de sol a sol? O que ele enxergava era muita ambição e muitos pobres, como em Portugal, como em toda a parte", refletia, aos 42 anos (CASTRO, 2017a, p. 154). Deixou o trabalho após cerca de um ano e ver uma amiga lavradora assediada pelo feitor, habituado a casos com empregadas. Sentiu saudade de Portugal quando saiu da fazenda. "Nascia-lhe densa tristeza, desejo profundo de regressar, saudade nunca sentida tão intensamente. O sol de Portugal parecia-lhe, agora, mais branco e evocava-o a entrar-lhe pelas portas e janelas, a espaiar no quintal, a cobrir a aldeia inteira" (CASTRO, 2017a, p. 161).

Na segunda das duas partes do romance, a tônica é a migração como miragem. Trabalhando no comércio em São Paulo, Manuel lamentou tantos não conseguirem acumular riqueza e se amargurou. "A sua derrota e a nostalgia eram, agora, perene motivo de irritação. Contra tudo: contra o meio, contra ele próprio" (CASTRO, 2017a, p. 174). Ficou viúvo e cogitou nem voltar para Portugal, onde a filha lhe dera um genro indesejado e onde não queria ser visto como um retornado sem riqueza. "Pressentia a sua humilhação ao apresentar-se na aldeia tão pobre como partira, mais pobre ainda, pois já não tinha sequer as courelas [terrenos para autoconsumo]; e o amor-próprio gritava-lhe que ao vexame era preferível o esquecimento na terra distante" (CASTRO, 2017a, p. 180).

Quando eclodiu uma revolução anticorrupção, Manuel negaria ter se envolvido, por ser português e avesso a confusão. Sua presença na cena do conflito, porém, foi uma virada na trama, pois, após hesitar, recolheu os anéis de ouro e o relógio de um manifestante morto no chão. Decidiu furtar o corpo para poder pagar logo a volta ao país natal, e não em dois anos, como planejava. Ele considerou perspectivas de futuro: "Para quê ficar mais tempo? Para quê? Para trabalhar sem nenhum futuro? Se ele fizesse aquilo, quem o saberia?" (CASTRO, 2017a, p. 193). Fernandes também via uma falta de horizontes:

– Mas o senhor vai-se embora... – E baixando a voz, para uma grande ternura, para uma grande saudade: – Eu, senhor Manuel, também gostaria de voltar. Penso nisso muitas vezes.

Quando vim, tinha tenções de passar no Brasil quatro ou cinco anos e tornar. Mas já lá vão vinte! Que eu, se fosse agora à minha terra, não a conhecia. E lá ninguém se lembrava de mim. A minha mãe morreu e os conhecidos já me esqueceram. Mas mesmo assim gostava de ir! Sempre é uma satisfação um homem ver a terra onde nasceu. Do que eu tenho mais saudades é de quando era pequeno. Lembrome de tudo como se fosse hoje. Se eu voltasse lá, ia ver todos os lugares onde brinquei. Mas com certeza nunca mais posso voltar (CASTRO, 2017a, p. 202-203).

A confissão de Fernandes foi tomada por Manuel como a primeira queixa ouvida do companheiro, o que pode sinalizar quão íntima a desilusão com a migração podia ser. Prestes a voltar, apiedou-se de imigrantes desembarcando: "Aqueles diabos imaginavam que para se enriquecer bastava ir por aí fora, com ganas de trabalhar. Ele também pensara assim, mas depois é que vira" (CASTRO, 2017a, p. 206). O narrador não esconderia sentimento parecido com "retornados", que tinham perdido a ilusão que os levava até ali.

Trabalharam tanto que se esqueceram de si próprios; e no dia em que se lembraram de que existiam, viram-se miseráveis como quando haviam chegado; mais miseráveis ainda porque já não tinham a ilusão. Estavam enfermos, sugados, envelhecidos, e só lhes restava implorar da morte um adiamento. Muitos deles iam repatriados pelos cônsules; outros tinham somado todas as economias feitas durante os anos de exílio e com elas adquirido lugar por quinze dias naquela pocilga transatlântica.

[...]

O *Andes* transpunha a barra com o seu carregamento de carne humana, exausta, quase morta, que a América devolvia à Europa – homens que dir-se-ia estarem a mais no Mundo e se arrastavam pelos dois hemisférios como se fossem o refugio de outros homens (CASTRO, 2017a, p. 207-208).

De volta à aldeia, Manuel ocultou as adversidades da filha, amigos e conhecidos, que o imaginaram rico e ignoravam como logrou voltar. "Preferia tudo a submeter-se ao vexame de expor ali a sua desventura – ali onde os homens se sentiam diminuídos se regressavam pobres do Brasil" (CASTRO, 2017a, p. 232). Tal preferência o fez, após conhecer o neto e o genro e se lamuriar por não poder pagar a cova à mulher, fugir da

aldeia – desta vez para Lisboa, onde julgava que o anonimato o pouparia do vexame. Na rota, viu o palacete erguido pelo agente de passagens que contratou que, segundo o narrador, "enriquecera com os que tinham ido e por lá ficaram, entregues aos acasos da sorte, ou haviam regressado pobres, desiludidos e gastos como Manuel da Bouça" (CASTRO, 2017a, p. 236).

No posfácio "Pequena história de Emigrantes", o romancista referiu-se à migração como sinal de maturação, atribuindo sua ida ao amor não correspondido por uma moça mais velha e a seu desejo de se valorizar diante dela e compensar tal diferença de idade.

E atrás de mim ficava, por todos aqueles cerros e vales, contrastando com o encanto da natureza, uma vida de miséria hereditária, laboriosa e negra, a imaginar a redenção no Brasil, que constituía a sua única esperança. Eu queria ir. Um homem é um homem e eu, justamente porque ainda não era um homem, mais me empenhava em querer parecê-lo. Mas ali, ao dobrar a curva da estrada, fronteira de suas situações inteiramente diversas, a que me era familiar e aquela que se me apresentava confusa, nublosa, ignorada na sua fisionomia e nos seus lances, supor-tei a primeira hesitação. Foi um dos momentos mais corajosos da minha vida. Eu partia para o desconhecido, para o fabuloso, sem saber quando voltava, sem saber até se voltaria. Uma data para o regresso, mesmo muito tardio, como quem termina a pena de crime grave, seria a paz (CASTRO, 2017b, p. 243).

O desconhecido do outro lado do Atlântico era fonte de receio e excitação ("tudo seria inédito") e ele narrou ter chegado "sem saber onde pôr os braços e onde pousar os olhos diante das pessoas grandes – e muito menos qual seria o meu destino" (CASTRO, 2017b, p. 246). Na volta a Portugal, nove anos depois, tinha o bolso vazio, ambições literárias e o que considerou sua riqueza mais importante, embora sem valor material (humanismo).

[...] do ponto de vista material, esse que tantos homens expatriava para as Américas, eu fui um emigrante vencido. A própria psicologia do emigrante, que é a sua principal força, me abandonou pouco depois de ter chegado ao Brasil, deixando-me, em seu lugar, um novo sonho (CASTRO, 2017b, p. 251).

Seu olhar para a migração como maturação foi paralelo a exageros como idealizar brasileiros sem

preconceito de classe: "Foi lá, entre o seu povo fraternal, liberto de todos os preconceitos de classes, que o meu espirito se formou" (CASTRO, 2017a, p. 251). Ao fim do posfácio, recordou ter passado fome e ouvido várias negativas de trabalho em Belém, o que sinaliza a raiz autobiográfica da representação da migração como uma miragem.

No romance *A Selva*, a disposição do autor a uma literatura engajada se revelou desde o curto "Pórtico", no qual indicou o livro como um registro da "tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça" (CASTRO, 1972, p. 21). Após ter vivido nove anos na Amazônia, viu a obra como um débito com desbravadores como ele, o qual tinha atuado em seringal entre cearenses e maranhenses. "Se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente pelo seu autor", diria ele no prefácio "Pequena história de A Selva" (CASTRO, 1972b, p. 27). Mais traduzido romance de língua portuguesa de seu tempo, *A Selva* foi saudado pelo prefaciador Jorge Amado como um clássico, uma reaproximação entre Brasil e Portugal: "De quando em vez, um desses imigrantes se eleva como um símbolo vivo dessa amizade por um feito admirável, por uma criação imperecível. Esse o caso de Ferreira de Castro e de seu romance *A Selva*" (AMADO, 1972, p. 18).

Na trama, Alberto se exila pelos ideais antirrepublicanos e, aos 26 anos, se fixa em um seringal nos confins da floresta – tal como o autor. Dado o alto valor da borracha, "era, então, a Amazônia um ímã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrupulos" (CASTRO, 1972a: 41). Saído de Belém em um "curral flutuante" (CASTRO, 1972a, p. 55), ele se tornou seringueiro após pagar mil réis para embarcar até o Rio Madeira, quase preterido por cearenses pelo aliciador. "Aquela longa viagem, duplicando a distância que até ali o separava de Portugal, a interrupção dos seus estudos, a derrota das suas doutrinas e os ásperos baldões

já sofridos [...] deprimiam-no tenazmente: 'Sem futuro definido, entregue apenas ao arbitrio das circunstâncias, talvez não conseguisse mesmo regressar.'" (CASTRO, 1972a, p. 161). Cita-se a troca da imigração lusa na Amazônia do meio rural, para fins de exploração e defesa territorial, pela cidade:

Esvairam-se, porém, os séculos e à exploração audaciosa sucedera o trabalho organizado, o esforço já não para descobrir mas para corrigir a selva triunfante e inexorável. Os portugueses retiraram-se das breves solidões e os seus descendentes, não menos ambiciosos, mas já sem o arroubo da temeridade, instalaram-se nas cidades. Eram agora comerciantes e da brenha conheciam apenas o produto da labuta dos que lá agonizavam. A bordo do "Justo Chermont" só Alberto marcava a existência da nacionalidade (CASTRO, 1972a, p. 89).

Menos presente do que em *Emigrantes*, a migração surge como status na menção ao exemplo familiar de fortuna obtida na extração da borracha ("fora assim que seu tio enriquecera e tinha já duas quintas em Portugal" (CASTRO, 1972a, p. 41) ou a um bem-sucedido comendador português ("fora dos que viera de tamancos, rude, analfabeto, as nádegas juvenis sempre expostas aos pontapés dos superiores, nessa época, ainda não muito distante em que o comércio português, dentro e fora da metrópole, se caracterizava por vida autoritária e rotineira" (CASTRO, 1972a, p. 76-77). Mais do que os portugueses, *A Selva* enfocou a imigração de nordestinos que buscavam na Amazônia uma fuga para o drama da seca.

Na ficção, Ferreira de Castro deu ênfase à faceta de miragem da imigração lusa no Brasil, que atraiu milhares de levas de portugueses com a projeção de enriquecimento indisponível no país natal. Nos textos memorialísticos justapostos a *Emigrantes* e *A selva*, tal imagem coexistiu com a representação do processo como uma chance de maturação, propiciada pelo deslocamento e inserção em contexto social distinto daquele de origem. Foi também como maturação, mas com outros tons, que o escritor Miguel Torga retratou a migração. Não foi, contudo, a única imagem sobre esse fenômeno difundida pelo autor, que frisou a alma dividida de cada migrante; uma divisão entre dois territórios e tempos.

4 Migração como maturação e alma dividida em Miguel Torga

Trabalhador na fazenda do tio em Leopoldina (MG) a partir de 1920, Miguel Torga (pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, 1907-1995) voltou a Portugal em 1925, tornou-se médico e tratou da migração no romance autobiográfico *A Criação do Mundo* (1937) e no livro de ensaios *Traço de União* (1955). Na parte "O Segundo Dia" daquele, o narrador chegava à "terra onde estava a minha felicidade" ou "o Brasil que me ia enriquecer como a toda a gente" (TORGA, 1996, p. 92), conhecia espécies como inhamé, manga, jacarandá e tucano e concluía que "nada do que aprendera em Agarez [terra natal] me servia ali. Nem os ninhos eram iguais" (TORGA, 1996, p. 92). O narrador, segundo Gago (2008), é um adulto que dá voz à criança que foi e para quem "a emigração assume-se como experiência de amadurecimento, de contacto com um espaço novo, diferente, marcado pela dureza da vida e, simultaneamente, pela descoberta" (GAGO, 2008, p. 219). Os revezes na estada não eram atribuídos ao país que se conhecia aos poucos.

O protagonista foi discriminado por ser imigrante. Tanto que o menino equiparou as ofensas ouvidas a atitudes caninas: "Não fazia mal que ladrasse. Contanto que não se atrevesse a cantar ao pé de mim que 'As desgraças do Brasil/ eram duas, agora são três:/ A formiga cabeçuda, /o italiano e o português,' não fazia mal que espumasse peçonha nativista" (TORGA, 1996, p. 152). Depois de cinco anos e da venda da fazenda do tio, ele voltaria a Portugal em relato feito em "O Terceiro Dia" e veria aquela fase como de mudança pessoal ("o ingénuo rapazinho que a vira [a cidade] em espanto e desespero à chegada do *Arlanza*, morrera" (TORGA, 1996, p. 163).

O regresso de Torga ao Brasil, para um congresso de escritores em São Paulo em 1954, levou a outras conferências e discursos na cidade e no Rio de Janeiro, além da passagem de "O Sexto Dia" em que aludiu à marca que o país deixou nele: "Nenhuma impressão de outrora se perdera. Cada estímulo apenas trazia à memória entorpecida a resposta já dada na primeira hora. O Brasil tatuava-se realmente na minha alma como uma tinta

indelével. A longa ausência não lhe desbotara sequer o brilho original" (TORGA, 1996, p. 596). Eis a migração imaginada como maturação. A migração no seio dessa transformação gerou a única comunidade que deu atenção às palavras de Torga depois reunidas em *Traço de União*. "E pude ter com milhares de patricios em todas as associações lusas a fraterna comunhão que sonhara. Só esses, na verdade, tinham ouvidos para as minhas palavras" (TORGA, 1996, p. 597).

Na ida e volta entre Lisboa e São Paulo, Torga teve seu nome vetado pela censura na lista de passageiros do navio publicada em jornais (TORGA, 1996). No congresso de escritores, o escritor defendeu, em réplica ao sociólogo Roger Bastide, que juízos sobre as Américas e a Europa não partissem só de dados literários – até porque, no seu caso, duas vivências se somavam: a intelectual e de ex-imigrante, que diria "infiltrada no sangue" (TORGA, 2016, p. 40). Para Torga, portugueses que sonhavam com o Novo Mundo viajavam rumo a ele, ao contrário de outros europeus, com o sonho nunca concretizado: "a realidade duma presença humana sobre o corpo do mito. Temos agora um Europeu emigrante em reacção directa. Um homem que passa a sofrer a influência do novo meio, e a criar uma consciência por indução" (TORGA, 2016, p. 38).

Torga reconheceria o valor do emigrante disposto a pisar e apalpar a terra, em vez de se perder em abstrações. Quem saía de Portugal era parte de uma "Europa transumante, migradora". Em suas palavras, europeus imigrantes "não fazem do Novo Mundo pretexto de catarses especulativas ou Éden dos seus complexos, mas o ajudam a erguer com o suor quotidiano. Multidão anónima que anda ali fora, a viver" (TORGA, 2016, p. 39).

Quase ao fim da fala no evento, ele diria ter procuração para falar por migrantes, pois desembarcou no país aos 13 anos após descobertas como o "mar interminável" e "um navio que parecia um presídio de galerianos". Em suas recordações, aquele rapaz

Que andou por ela fora [nesta terra] ao deus-dará, perdido, perplexo, aterrado, a ver morrer os seus deuses a cada instante, a sentir o gosto modificar-se-lhe, a não poder avaliar as coisas com o estalão do sistema métrico que apren-

dera na escola. Que chorou, gemeu, penou, até que o instinto se adaptou e lhe permitiu comportar-se com mais economia emotiva. E que, então, pôde esquecer a sorna cumplicidade vegetal com a fauna hostil, os lobisomens que o perseguiram, os sacos de café que lhe derrearam os ombros, e descobrir a íntima significação dum húmus gordo e fecundo que tinha o condão de tudo integrar no seu calor. A terra nativa lá continuava ainda a acenar. Mas a alma dele ia-se dividindo, repartida entre o passado e o presente, escanchada sobre o oceano. O Novo Mundo era agora uma nova pátria embutida nos sentidos. Nada de raciocinado, de construído, de voluntário. Assimilação, apenas. Impregnação indelével de tatuagem (TORGA, 2016, p. 39-40).

A imagem da migração como alma dividida entre passado e presente, Portugal e Brasil, era anunciada ali e, depois, retomada. Até então, Torga comparara a migração a uma vacina que deixa marca na pele mesmo após a imunização e enaltecia sua vida além da intelectual na América – vivência de quem se incorporou nela, não só a pensou, e que, retornado, influenciou com ideias e hábitos a Europa e olhares sobre o Novo Mundo.

O drama do emigrante português ainda estava por escrever, como expôs Torga no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro ainda em 1954. Em conferência no edifício gótico do Centro do Rio de Janeiro, criticava autores do século XIX como Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco por não alcançarem o âmago da questão, sobretudo pela aposta em dose de pitoresco, ridículo, arbitrariedade e malevolência que desfiguravam a verdade. Em Eça, sentiu falta de ir além do que se concederia por direito a todo mortal, enquanto Camilo teria popularizado uma caricatura que ofenderia uma essencialidade subterrânea.

Torga alegou falar como antigo emigrante que viveu cinco anos de "contraditórias sensações". Isso porque, no início, lamentaria a natureza hostil e atritos humanos e sociais e, depois, sentiu a nostalgia da exuberância na terra natal, ao contactar velhos companheiros.

Na meninice, uma ancestralidade aflita, diante de formas, costumes e comportamentos inusitados; na idade madura, a saudade incurável dessa vida rica de peripécias, larga, quente, generosa, sem regras nem medidas! Então, uma pobre e tenra criatura, modelada por hábitos estratificados, rituais, abruptamente arrancada

do ninho, e posta em face doutras paisagens, doutros costumes, doutras noções; agora, esse mesmo ser humano, que aumentou o seu pecúlio de experiências, que alargou os seus horizontes espirituais, a lutar dentro da antiga pele onde já não cabe (TORGA, 2016, p. 89).

A alma se dividia: "esse dualismo interior mortifica-me o coração" e "esse desnível interior, esse desequilíbrio do espírito" (TORGA, 2016, p. 89, 91). Ao misturar Ursa Maior e Cruzeiro do Sul, flores do ipê e do rosmaninho, águas do Doiro e do Paraíba, o imigrante, no olhar de Torga, se tornava alguém inseguro e vulnerável. "E convivem na mesma carcaça dois seres opostos. Um, europeu, de medidas greco-latinas; outro, americano, anárquico e transbordante. E nenhum vence o adversário, triunfa definitivamente do incómodo companheiro. Caminham ambos a par, negando cada qual o vizinho" (TORGA, 2016, p. 89). Para ele, migrantes eram seres fraturados como cristais rompidos por um golpe de vento cruel. A divisão da alma afeta até avaliações morais, em uma condição complexa a que ele atribuiu o silêncio literário sobre os emigrantes (ver citação na Introdução).

O emigrante ganharia caráter mais complexo por faltar sutura aproximando as margens do oceano: ele gemeria por Portugal no Brasil e vice-versa, e seu remédio seria "oscilar, hesitar, sofrer", aderindo à "solidão irremediável dum lado ou doutro do mar" (TORGA, 2016, p. 97).

Ser emigrante é ser condenado a uma exceção biológica. É receber da vida a marca indelével da permanente inquietação. Enquanto que os outros mortais são como arbustos humanos plantados no chão onde nasceram, que o vento da excomunhão não arranca e o imperativo da fome não transporta, o emigrante tem asas em vez de ramos, que não tacteiam apenas o espaço limitado pelo perfil da copa, mas toda a imensidade possível. E isto separa-os irremediavelmente. De um lado, os galerianos felizes da quietude; do outro, os contrabandistas da linha equatorial da vida, eternos infelizes de passaporte na mão (TORGA, 2016, p. 984).

A conferência era concluída com tais paralelos, a enaltecer emigrantes, descritos como inquietos ocupando espaços sem fim, logo, carentes da felicidade da quietude dos outros. Com o elogio que relativiza a felicidade disponível para o migrante,

deu mais margem a nosso olhar de uma sobreposição das imagens da maturação e alma dividida.

Tanto em seu romance autobiográfico como nos ensaios sobre temas portugueses e brasileiros – como classificou no subtítulo de *Traço de união* –, Torga deu testemunho de que a migração não era mais questão de escravatura ou sorte, como consignou Gomes de Amorim no século XIX, ou era mais que miragem, como retratara Ferreira de Castro.

5 Discussão

O filósofo Eduardo Lourenço, que viveu em Salvador em 1958-1959, avaliou no ensaio "A emigração como mito e os mitos da emigração", de *O labirinto da saudade* (1978), que o emigrante era alvo de valorização inédita, sobretudo a emigração moderna, que ponderou serem duas (para a França/Alemanha e Venezuela/Brasil) e com resultado (relativamente) feliz, o que "não pode fazer-nos esquecer o fenômeno-miséria de que é inseparável à partida" (LOURENÇO, 1992, p. 125).

A imagem do mal que o emigrante passa lá fora consola de algum modo a nossa vaidade pátria e por isso se evoca com tanta complacência silenciando-se aquela que realmente humilha, por intolerável. É um pouco paradoxal enegrecer para fins de exaltação íntima o quadro das dificuldades do emigrante no Estrangeiro que o acolhe, melhor ou pior. Quanto mais negro for o quadro, mais contundente é o processo que instauramos a Portugal. Se lá fora é esse inferno que muitos desejariam supor para se tranquilizar, julgando assim exaltar por contraste as doçuras do pátrio ninho, que espécie de inferno seria o caseiro para ter tido coragem e vontade de abandoná-lo? [...]

E dessa verdade faz parte integrante esta evidência imensamente triste e imensamente justa: milhares e milhares dos nossos compatriotas – e em particular os seus filhos – são felizes lá fora, ou pelo menos, já tão inseridos na trama dos povos que os acolheram que a ideia mítica do regresso a Portugal só a isso se resume (LOURENÇO, 1992, p. 126).

Lourenço indagou-se da busca pela identidade portuguesa no mundo ao concluir viverem a primeira vez em 500 anos sem poder resolver esse problema via emigração, mesmo que simbólica. Se o povo se convencesse disso, talvez a questão da identidade se resolvesse por si, notou. "Essa alma – que foi a dos tristes e humilhados

e não dos repletos que nunca emigraram – não se importará nada de ficar sentada para sempre no limiar da sua própria casa, tornada inventiva e livre" (LOURENÇO, 1992, p. 128).

Esse autor voltou a refletir sobre a emigração lusa e seu imaginário em "A nau de Ícaro ou o fim da emigração", de *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia* (1999 em Portugal e 2001 no Brasil). Para ele, a imigração no Brasil foi uma saída providencial:

O emigrante prolonga, sob uma outra forma, a nossa presença colonizadora. Encontra nesses locais possibilidades que a Europa não lhe fornece e permanece numa imensa casa onde se fala com doçura a sua própria língua. A emigração para o Brasil nunca foi vivida por Portugal como uma ferida, mesmo inconfessada, mas como uma saída providencial. Também nesse caso não emigrávamos no sentido pleno. Os lares que se extinguíam deste lado do Atlântico renasciam do outro lado mais belos. De uma forma geral, a emigração para o Brasil, que se emancipava cultural e economicamente no princípio do século, foi uma emigração feliz. Uma verdadeira emigração também, porque se partia para ficar (LOURENÇO, 2001, p. 51).

A emigração era definida por ele "no sentido pleno": ela "supõe que *alguma coisa de melhor do que o que se deixa nos espera para nos dar a oportunidade de mudarmos de estado ou de funções*" (LOURENÇO, 2001, p. 45, grifo do autor). A emigração verdadeira presumiria o sentimento ou certeza do não regresso ao lugar de origem, dada a esperança de uma vida melhor em outra pátria. Para Lourenço, é como se o português, na ordem simbólica, nunca tivesse emigrado, pois nunca deixou sua terra. A emigração portuguesa, majoritariamente para o Brasil, foi vivida, a seu ver, não de uma forma trágica ou verdadeiramente dramática, mas dolorosa e melancólica, sempre na esperança do regresso. "Talvez isso explique que a nossa literatura tenha tomado tão pouco em conta a figura do emigrante. [...] Cantamos a nossa dor, teatralizamo-la, para melhor a escondermos. Não gostamos de encarar as nossas verdadeiras mágoas" (LOURENÇO, 2001, p. 48).

Na sua avaliação, a literatura não deu conta à altura da chaga da emigração entre portugueses – talvez pelo povo emigrante não ter voz em sentido próprio e figurado (naquele contexto, citou Ferreira de Castro no trecho referido na

introdução deste texto). Sua alusão à emigração como saída providencial ecoa a imagem do "mal necessário", que Ramalho Ortigão e Eça de Queirós exibiam no século XIX pelo olhar de quem não partiu. Depois, o imaginário da migração se ampliou, por força da experiência dos autores no Brasil. Embora não representada à altura do drama, como disse Lourenço, a migração foi representada de forma diversificada, como este trabalho atestou com obras exemplares.

Para o escritor Vitorino Nemésio, professor visitante em 1958 em universidades em Salvador, Fortaleza e Rio de Janeiro, a inserção do imigrante português no Brasil deu origem a um cidadão visto como brasileiro por compatriotas ibéricos e como português na terra de adoção: "visto de dentro, da terra para onde foi, subsiste português e de certo modo estranho – de uma estranheza que depende da carência de direitos políticos e de uma perspectiva humana que intermitentemente o isola" (NEMÉSIO, 1954, p. 19). A referência aqui dialoga com Miguel Torga e a imagem da migração como alma dividida.

Ainda no ensaio "A colônia portuguesa", de *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos* (1954, editado só em Portugal), Nemésio via no migrante um sujeito que trabalhava para viver e amearhar:

Denuncia-se pelo peculiar acento da sua atitude ante a vida: é o adventício que trabalha para viver e amearhar, o homem que traça a si mesmo um duplo programa: subsistir no lugar para onde foi, preparando condições de uma subsistência possível e futura no lugar de onde veio. Assim se torna um pouco o convivente em trânsito: o homem da pressa, do aforro e do aforro, que considera a existência como coisa arriscada e premente, opondo à cálida solicitação do ambiente uma forte recusa ou certa prevenção (NEMÉSIO, 1954, p. 20).

O português se inseria tanto entre brasileiros como na colônia, que o ensaísta igualou a uma fração de povo dissidente econômica, logo socialmente, que "figura à cabeça do rol dos movimentos portugueses de expressão patriótica contribuinte" e com "solidariedade excepcionalmente compacta" (NEMÉSIO, 1954, p. 19). Para Nemésio, colonos tinham dever com duas pátrias e consciência de grupo incomparável no território nacional e no exterior. Ele via nessa comunidade

uma fonte notável de mão de obra, empreendimento, tributo e fomento de população. A seu ver, era uma situação tanto difícil quanto fecunda:

O homem que pertence a este singular complexo da colônia portuguesa do Brasil, encontra-se, assim, numa situação humanamente difícil e fecunda. É o português expatriado e o "brasileiro" condicional. Português nato e autêntico nos sentimentos pátrios sublimados pela ausência, não goza os prazeres e as seguranças de uma comunidade nacional que o não envolve; Sente-lhe, porém, os imperativos e o vigor espiritual nos princípios da própria formação no seu seio, no anelo de um hipotético regresso [...] e em todos os casos e campos um homem paradoxalmente responsável pela falta que faz na pátria, no lugar, na família que deixou (NEMÉSIO, 1954, p. 22-23).

Tal colono, segundo ele, se fiou em uma cartilha tradicional do bom chefe de família e "homem de palavra" onde lia as saudades da terra e imagens de custos vividos por quem não teve a chance de imigrar em um país com tanta perspectiva de ser explorado. O perfil empreendedor do migrante seria foco de Nemésio, para quem haveria na atividade econômica uma semelhança entre seus contemporâneos e os colonos do Brasil antes da independência. "O emigrante que transfere as suas energias para o novo país [...] leva consigo o ideal do pequeno proprietário ou rendeiro que era seu pai ou o seu vizinho, e em todo o caso um modelo de vida abastada, burguesa a preencher" (NEMÉSIO, 1954, p. 26). Nesse ponto, o olhar condiz com o que nominamos como as imagens da sorte e da maturação.

Considerações finais

Obras de Gomes de Amorim, Ferreira de Castro e Miguel Torga permitiram captar imagens literárias da imigração portuguesa no Brasil a partir de referências a vidas e integração de migrantes. Uma contribuição aqui foi mapear, na literatura portuguesa, um conjunto representativo de obras sobre a vida de imigrantes no Brasil. Foi possível notar aproximações e distanciamentos nas imagens de cada autor. A detecção de sete obras literárias e a análise de seu conteúdo iluminam olhares a um processo rico e duradouro.

Os três escritores deram contribuições ao ima-

ginário da imigração lusa no Brasil com uma prosa que deu testemunho de como significaram a migração como escravatura, sorte, maturação, miragem ou alma dividida. Gomes de Amorim foi pioneiro em uma literatura sobre a migração pautada mais pela experiência do que pela imaginação. Daí retratá-la como escravatura – assim se sentira – ou sorte (foi sob o signo da loteria que viu os destinos cruzados de vidas cindidas pela migração). Ferreira de Castro e Miguel Torga, por sua vez, aludiram à migração como maturação – em especial em textos memorialísticos –, mas aquele a representou como miragem na ficção, enquanto este fez considerações instigantes sobre como tal amadurecimento podia também dividir almas.

As categorias tipológicas ora propostas podem guiar a leitura de outros materiais, como editoriais e outros textos da imprensa ou textos da burocracia de ambos os países. A iniciativa testaria a aplicabilidade das categorias a outras experiências, obras e autores – eis um desafio bem-vindo para estudos literários ou migratórios. Outra sugestão seria aprofundar o contraste de obras literárias e as fases da migração (cito-as na introdução).

Conforme se viu em imagens da migração na literatura portuguesa do século XIX, as do século seguinte iluminaram formas como ela foi significada por literatos e, no ato da leitura, por leitores que porventura acolheram o olhar daqueles autores. A imigração lusa tem sido estudada sobretudo por questões políticas e econômicas, como remessas e o empreendedorismo, logo, este estudo renova o convite a atentar à dimensão simbólica. Ademais, propõe focalizar a migração de homens e mulheres comuns, deixando de lado o foco ainda dominante ao português como grande colonizador e explorador, herança histórica que não se nega, mas que acabou enviesando perspectivas à vida de imigrantes.

Referências

- ALVES, Alice. *Ramalho Ortigão e o culto dos monumentos nacionais no século XIX*. 2009. 586f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.
- AMADO, Jorge. Um clássico de nosso tempo. In: CASTRO, Ferreira de. *A selva*. São Paulo: Verbo, 1972. p. 17-20.
- AMORIM, Francisco Gomes de. *Ódio de raça*. Lisboa: Typographia Universal, 1869.
- AMORIM, Francisco Gomes de. *Aleijões sociais* (e O casamento e a mortalha no ceo se talha). Lisboa: Typographia Universal, 1870.
- AMORIM, Francisco Gomes de. *Cantos matutinos*. 3. ed. Porto: Livraria Internacional, 1874.
- AMORIM, Francisco Gomes de. *As duas fandeiras*: romance de costumes populares. Lisboa: Empreza Horas Românticas, 1881.
- CARVALHO, Costa. *O Brasil na vida e na obra de Francisco Gomes de Amorim*. 1998. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros) – Universidade do Porto, Porto, 1998.
- CASTRO, Ferreira de. *Emigrantes*. 30. ed. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017a [1928].
- CASTRO, Ferreira de. Pequena história de Emigrantes [1966]. In: CASTRO, Ferreira de. *Emigrantes*. 30. ed. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017b. p. 237-253.
- CASTRO, Ferreira de. *A selva*. São Paulo: Verbo, 1972a [1930].
- CASTRO, Ferreira de. Pequena história de 'A Selva' [1955]. In: CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. São Paulo: Verbo, 1972b. p. 23-32.
- GAGO, Dora M. N. *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- GRANGEIA, Mario L. Imigração no Brasil na literatura portuguesa do século XIX. *Cadernos de Estudos Sociais*, [s. l.], v. 33, n. 2, p. 1-22, 2018. <https://doi.org/10.33148/CES2595-4091v.33n.220181764>.
- GRANGEIA, Mario L. Renascidas no Brasil: Ruth Escobar, Leonor Xavier a imigração como reinvenção. *Convergência Lusíada*, [s. l.], n. 42, p. 221-231, 2019. <https://doi.org/10.37508/rcl.2019.n42a354>.
- LOBO, Eulália Maria L. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*: psicanálise mítica do destino português. 5. ed. Lisboa: D. Quixote, 1992 [1978].
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de icaro e Imagem e miragem da Lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1999].
- MARTINS, Ismênia de L. A capital federal e os imigrantes em registros literários. Rio de Janeiro, 1890-1920. In: MENEZES, Lena M. de; SOUSA, Fernando de (org.). *Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico: múltiplos olhares sobre a e/imigração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2017. p. 13-25.
- MATOZZI, Martina. *Portugueses de torna-viagem*: a representação da emigração na literatura portuguesa. 2016. 290f. Tese (Doutorado em Patrimônios de Influência Portuguesa) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016.
- MENDES, Oswaldo. Rute Escobar, uma mulher possuída pelo desafio. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2/8/1981. p. Ilustrada-1.

NEMÉSIO, Vitorino. *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1954.

ORTIGÃO, Ramalho. *As Farpas*. 11 vol. Lisboa: David Corazzi, 1887.

PINHEIRO, Luís B. S. P. Francisco Gomes de Amorim e as primeiras abordagens literárias da Cabanagem. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismenia; Menezes, Lená; MATOS, Izilda; Arruda, Jobson; SARGES, Nazaré (org.). *Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul*. Porto: CEPES, 2015. p. 418-434.

QUEIROZ, Eça de. *Uma campanha alegre*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1890. v. 1.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Gente de todas as cores: imagens do Brasil na obra de Gomes de Amorim. *Máthesis*, [s. l.], n. 7, p. 117-164, 1998.

SILVA, Maria Beatriz N. da. Prefácio. In: MENDES, José S. R. *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil (1822-1945)*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2011. p. 23-26.

TORGA, Miguel. *A Criação do Mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TORGA, Miguel. *Traço de União: temas portugueses e brasileiros*. Lisboa: Glaciar, 2016.

Mario Luis Grangeia

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; pesquisador visitante na Fundação Biblioteca Nacional (FBN, 2017-18); pesquisador na Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Mario Luis Grangeia

Escola Superior do Ministério Público da União

Av. Alm. Barroso, 54, sl. 1704

Centro, 20031000

Rio de Janeiro, RJ, Brasil